

Intervenção arqueológica na Lapa dos Pinheirinhos 1 (Sesimbra)

ROSÁRIO FERNANDES*
LEONOR ROCHA**

R E S U M O

No ano 2000 foi realizada uma curta campanha de trabalhos na Lapa dos Pinheirinhos 1, com o apoio do Núcleo de Espeleologia da Costa Azul (NECA). Apresentam-se agora os resultados deste trabalho, assim como as metodologias adoptadas que permitiram, de forma genérica, identificar uma ocupação deste espaço, como necrópole, durante a Pré-História.

A B S T R A C T

In 2000, short season of work was realized in Lapa dos Pinheirinhos 1, with the support of the Center of Speleology of the Costa Azul (NECA). Now, we present the results of this study, as well as the methodologies adopted that allowed, in general, to identifying an occupation of this area as a necropolis during Prehistory.

1. Localização

A Lapa dos Pinheirinhos 1 situa-se no planalto do Espichel, perto dos Pinheirinhos, localidade pertencente à freguesia do Castelo, concelho de Sesimbra, distrito de Setúbal; localiza-se na Carta Militar de Portugal, na escala 1: 25 000, folha 464. Coordenadas Geográficas: m = 111260; p = 163700; altitude: 210 m.

A Lapa dos Pinheirinhos 1 é uma das cavidades naturais que ocorrem devido à fracturação existente no denominado *doma* da Cova da Mijona. Trata-se de uma estrutura tectónica (Manuppella, 1999) que se caracteriza pela disposição arqueada da estratificação, de forma concêntrica, que se apresenta de forma concêntrica, inclinando-se mais na proximidade do núcleo do *doma* e diminuindo para a periferia (NECA, 2005). Esta gruta consiste numa sala relativamente pequena, a que se acede facilmente, sendo de salientar que a mesma se localiza nas proximidades de outras cavidades cársticas, nomeadamente da Lapa do Fumo, que se encontra a cerca de 300 m a oeste.

2. Introdução

A Lapa dos Pinheirinhos 1 foi registada por elementos de Núcleo de Espeleologia da Costa Azul (NECA), apesar de já ser conhecida da população local, sobretudo dos pastores, que a utilizavam como abrigo para os seus rebanhos.



Fig. 1 Localização da Lapa dos Pinheirinhos 1. CMP 464 - 1: 25 000.

Em 2000, no âmbito do PNTA – PNTA/99 – *Investigação Arqueológica do Concelho de Sesimbra (CARSE)* – que as signatárias se encontravam a desenvolver no concelho de Sesimbra, foi realizada uma curta campanha de trabalhos que visavam, essencialmente, recolher alguma informação sobre a ocupação arqueológica do sítio. De facto, devido provavelmente à sua utilização como abrigo, haviam sido retiradas do seu interior muitas terras, com abundantes materiais arqueológicos que, devido à acção das chuvas, se iam dispersando pela encosta.

3. Metodologia

Antes de iniciados os trabalhos, destacava-se no interior da Lapa uma depressão de violação na superfície do solo; no exterior, junto à entrada, observava-se um montículo de terra, claramente proveniente dessa violação.

Os trabalhos arqueológicos consistiram na crivagem das terras depositadas no exterior da Lapa e na montagem de uma quadrícula, no interior da gruta, com vista à sua escavação e à recolha de alguma informação arqueológica (artefactos ou ecofactos) que tivesse, como se esperava, sobrevivido à violação.

No entanto, em face da escassez de meios financeiros disponíveis, esta escavação arqueológica acabou por não se chegar a realizar, tendo-se apenas recolhido algum espólio e restos osteológicos que se encontravam dispersos na superfície, interior e exterior, da Lapa.

De igual modo, efectuou-se a limpeza e desenho dos blocos de maiores dimensões, de forma a delimitar o sector mais a oeste e os limites da própria gruta, bem como averiguar se a concentração dos blocos, junto à entrada, era intencional ou resultado de abatimento.



Fig. 2 Aspecto exterior da Lapa.



Fig. 3 Pormenor da Lapa dos Pinheirinhos 1, no fundo da sala.

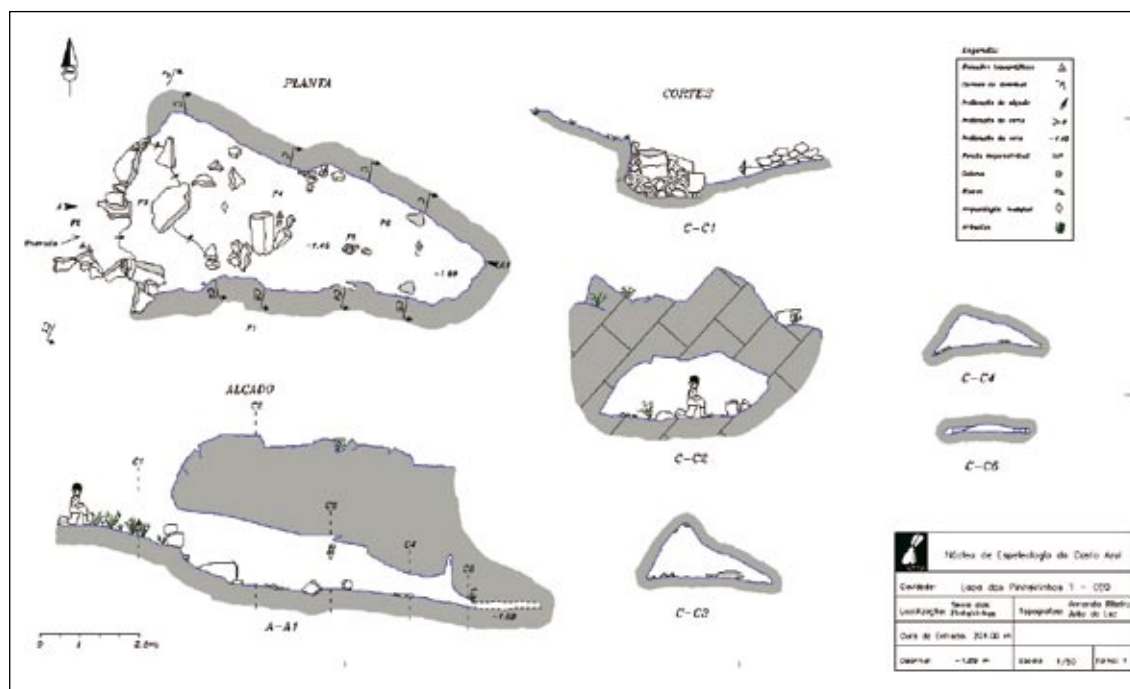


Fig. 4 Levantamento topográfico da actual Lapa dos Pinheirinhos 1.

A crivagem das terras, acumuladas no exterior da gruta, foi efectuada com um crivo manual, com malha de 5 mm. Esta acção não se realizou na sua totalidade, tendo em conta que não era perfeitamente perceptível qual seria o nível original do terreno, nesta área. Por precaução, optou-se por deixar ainda alguns centímetros de terras.

Os trabalhos de campo e o levantamento topográfico da gruta foram realizados por Armando Ribeiro e João da Luz, do NECA (Núcleo de Espeleologia da Costa Azul). Participaram nestes trabalhos Armando Jorge Ribeiro, João da Luz, Francisco Rasteiro, Luís Basto, Manuel Silva, Mário Oliveira, José Silveira, Ricardo Mendes, Liliana Pulquério e Cláudia Ferraria.

4. Considerações sobre o espólio

Tendo em conta o tipo de trabalhos realizados, esta análise é, naturalmente, muito superficial.

No interior da gruta, para além de alguns restos osteológicos (sobretudo dentes), recolheram-se apenas duas contas de colar em xisto e um fragmento de alfinete de cabeça postiça, decorado. O conjunto do espólio recolhido (381 peças) documenta, de forma inequívoca, uma utilização como espaço sepulcral de época pré-histórica.

Os materiais encontrados são maioritariamente contas de colar em xisto, cerâmicas e restos de talhe.

De salientar, a total ausência de pedra polida no espólio recolhido. Esta poderá corresponder a uma escassez real nos níveis superiores da gruta ou, porque despertaram o interesse das pessoas que vandalizaram este espaço, terão sido recolhidas.

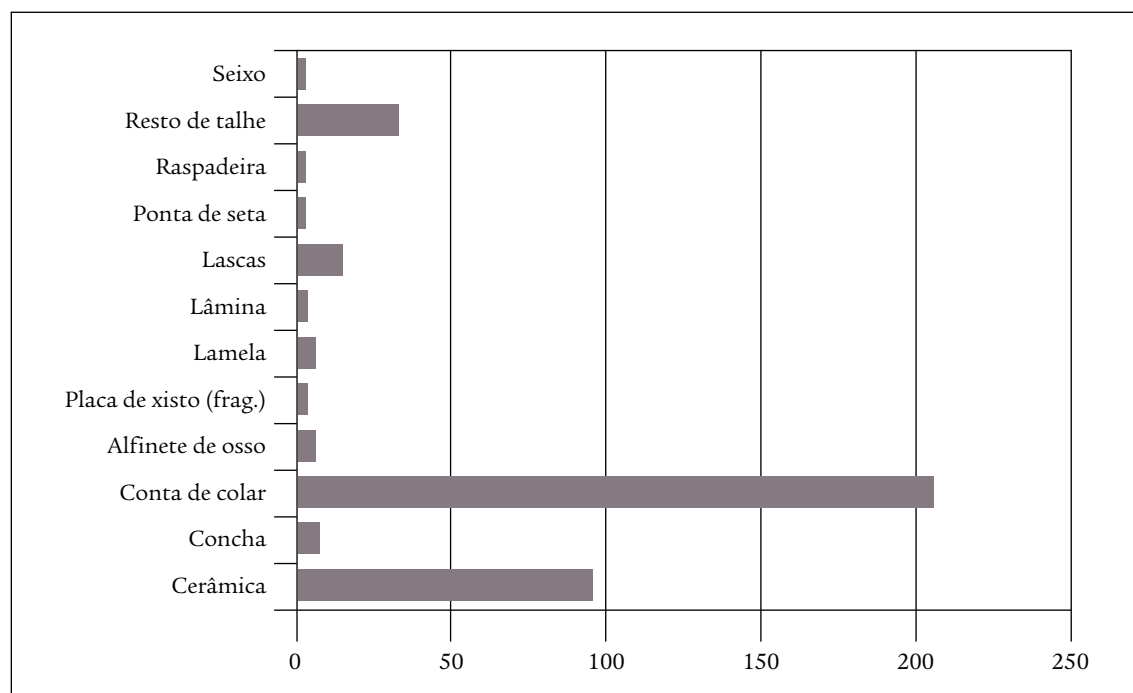


Fig. 5 Total de material arqueológico recolhido por tipos.

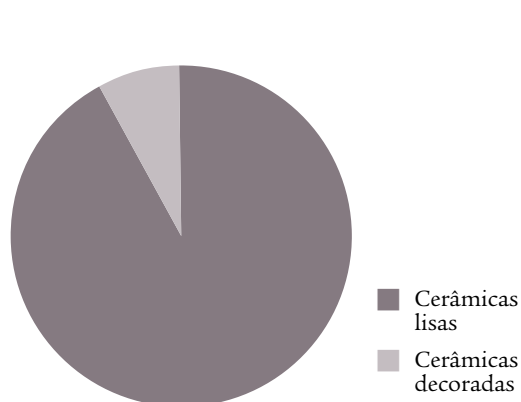


Fig. 6 Decoração das cerâmicas em relação ao total.

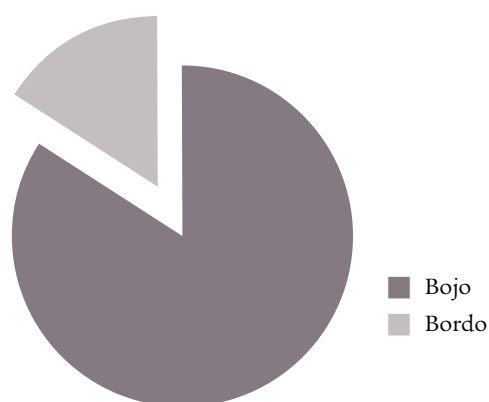


Fig. 7 Artefactos de cerâmica recolhidos.

A análise dos dois gráficos anteriores permite perceber que, em relação às cerâmicas, se recolheram, maioritariamente, fragmentos de bojos, sendo os fragmentos decorados muito escassos. Recolheram-se com decoração campaniforme 6 fragmentos e com vidrados, 2 fragmentos. Em relação à decoração campaniforme, esta apresenta-se nos bordos (3) e no bojo (6).

Em relação à pedra lascada recolhida, para além dos materiais que correspondem aos padrões habituais de espaços de necrópole (pontas de seta, lâminas e lamelas), aparecem também os produtos de talhe (resto de talhe e lascas), que nos levam a questionar sobre o(s) uso(s) deste espaço. Seria apenas um espaço visitado para enterrar os mortos ou teve, nalgumas fases, uma ocupação como espaço habitacional? Ou algum do espólio funerário era preparado no local? De realçar que estes subprodutos de talhe são maioritariamente de sílex (tal como as pontas de seta, lamelas e lâminas recolhidas).



Fig. 8 Cerâmica com decoração campaniforme. Foto de Ricardo Soares.



Fig. 9 Bordos com decoração campaniforme. Foto de Ricardo Soares.

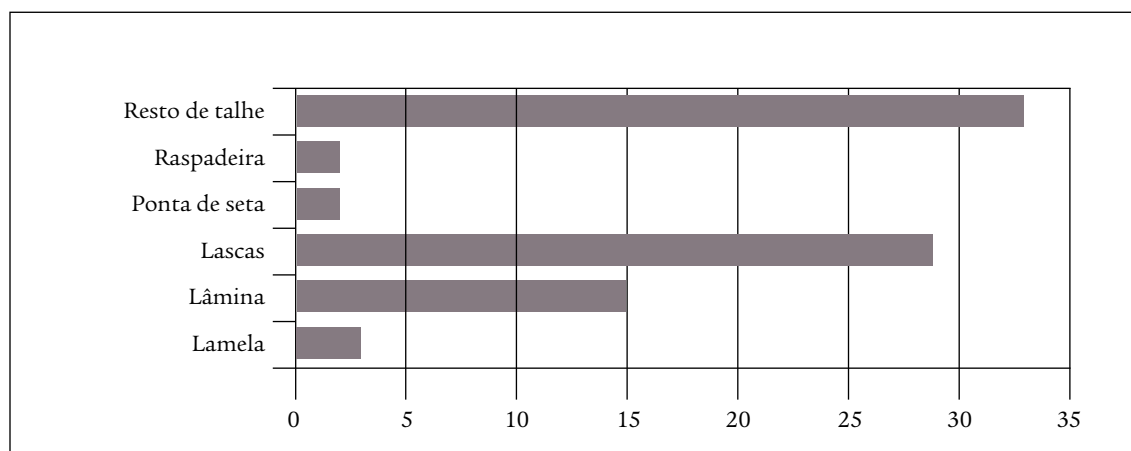


Fig. 10 Pedra lascada recolhida por tipos.



Fig. 11 Cerâmica lisa. Foto de Ricardo Soares.



Fig. 12 Pontas de seta. Foto de Ricardo Soares.



Fig. 13 Lâminas e lamelas. Foto de Ricardo Soares.



Fig. 14 Lâminas e lamelas. Foto de Ricardo Soares.

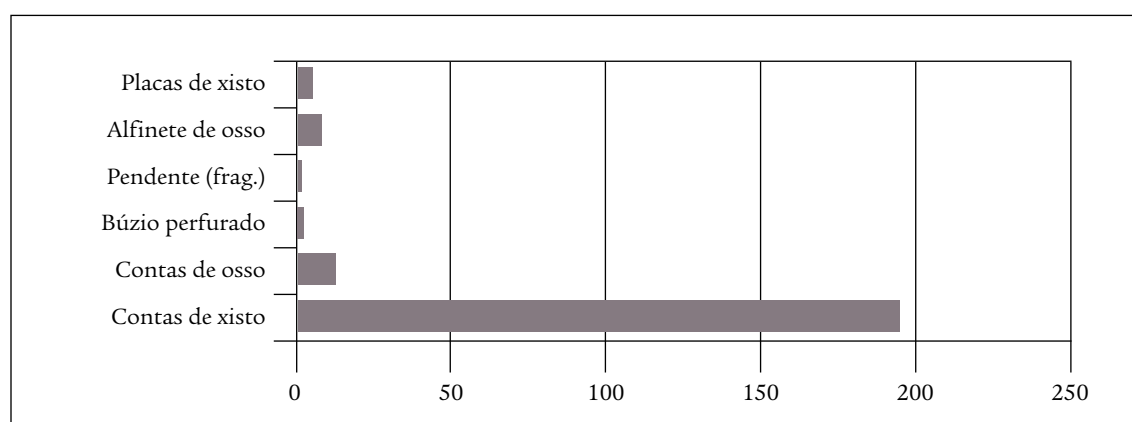


Fig. 15 Elementos de adorno recolhidos por tipos.



Fig. 16 Fragmentos de placas de xisto.
Foto de Ricardo Soares.



Fig. 17 Búzios perfurados e contas de colar
em osso. Foto de Ricardo Soares.

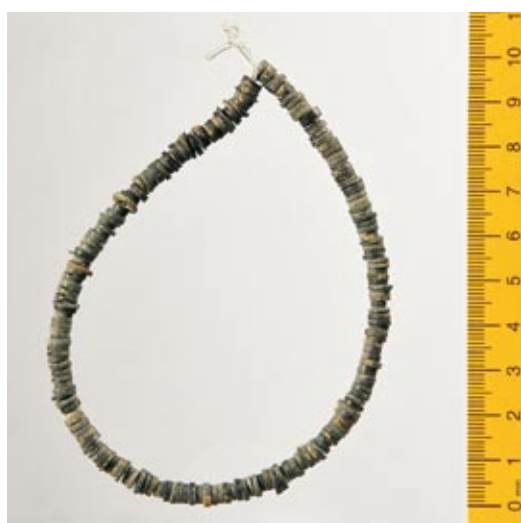


Fig. 18 Contas de colar em xisto.
Foto de Ricardo Soares.

No que diz respeito aos elementos de adorno presentes, realçamos o elevado número de contas de colar em xisto, para além da presença, ainda que vestigial, de fragmentos de placas de xisto, elemento que também aparece em algumas das grutas intervencionadas na área de Sesimbra e da Península de Lisboa (Gonçalves, 2005, 2008), e que documenta, de forma inequívoca, as relações destas populações litorais com as do interior alentejano.

5. Os dados antropológicos

Os trabalhos de antropologia física foram realizados pela Dr.^a Paula Gunzburg, que, para além de apoiar os trabalhos realizados no campo, procedeu a uma análise, sumária, dos mesmos.

A análise dos restos osteológicos recolhidos na crivagem das terras existentes no exterior da gruta, bem como os recolhidos, à superfície, no seu interior, apesar de serem, em termos absolutos, muito escassos, permitiram-nos obter alguns dados sobre a distribuição etária dos indivíduos representados. Infelizmente, pelo seu contexto se encontrar completamente revolvido não nos foi possível obter dados sobre o tipo de inumação.

Como se referiu anteriormente, apesar de se tratar de uma amostra muito truncada e de muitos dos restos osteológicos recolhidos não serem passíveis de identificação, o conjunto estudado era constituído por 75 peças ósseas (crânio, vértebras, costelas, escápula, clavícula, metacarpos, metatarsos, falanges, carpos, tarsos, humero, rádio, ulna, patela) e 131 dentes (65 superiores e 66 inferiores). Foi identificado um número mínimo de 4 indivíduos (adultos), com base nos ossos recolhidos e de 8 indivíduos (adultos), com base nos dentes; 6 destes, pelo desgaste dentário apresentado, podem considerar-se com uma idade de cerca de 30 anos.

Apesar de a classificação etária com base nos dentes ser naturalmente algo subjectiva, pois o desgaste dos dentes pode, muitas vezes, ser alterado mediante o atrito sofrido pela alimentação (pode-se desgastar, mais ou menos, num mesmo período de tempo, consoante o tipo de alimentação), trata-se, inequivocamente de indivíduos já adultos.

Em relação aos subadultos, volta-se a repetir esta diferença, com 2 indivíduos com base nos ossos e 3 indivíduos, com base nos dentes.

Seja como for, com base no número mínimo, podemos considerar que existiam, pelo menos, 11 indivíduos (8 adultos e 3 subadultos), representados nesta amostra. Apesar de não ter sido possível obter dados sobre a diagnose sexual dos mesmos, podemos admitir — com as devidas reservas — que, por estarem presentes indivíduos de diferentes grupos etários, incluindo crianças, se trata, em princípio, de uma população natural.

Importa ainda ressaltar que, estando presentes espólios que apontam para, pelo menos, dois momentos de utilização distintos, se desconhece a que momento(s) se reporta(m) estes restos osteológicos.

6. Considerações finais

Como se referiu anteriormente esta intervenção, que inicialmente se perspectivava de longa duração, com escavações no interior da gruta, acabou por se restringir à crivagem dos sedimentos existentes no exterior, e à limpeza e desenho do seu interior, por motivos financeiros.

No entanto, os dados obtidos permitem-nos avançar com algumas considerações, preliminares. Os materiais recolhidos na crivagem das terras enquadram-se, claramente, em duas fases dis-

tintas: uma que corresponderá, *grosso modo*, ao Neolítico Final/Calcolítico, documentado através da presença de cerâmicas lisas, da pedra lascada e dos elementos de adorno recolhidos, nomeadamente os alfinetes de cabelo que têm vindo a ser datados da primeira metade do III milénio (Gonçalves, 2005, p. 110) e outro, posterior, genericamente enquadrável nos finais do III milénio, com as cerâmicas campaniformes (Gonçalves, 2008).

No actual estado dos nossos conhecimentos, a área da Arrábida parece ter sido um espaço preferencial para as comunidades pré- e proto-históricas, com a ocupação reiterada das grutas como espaços funerários, sobretudo, a partir dos finais do IV milénio. Na verdade, o uso prolongado destes locais aparece confirmado através das escavações realizadas (Cardoso, 1990, 1993; Cardoso & Cunha, 1995; Serrão, 1959, 1967, 1973) ou dos materiais recolhidos em grutas e abrigos, nos últimos anos (Calado & alii, no prelo; Rocha & alii, no prelo; Rocha & Fernandes, no prelo), esta ocupação — enterramentos em grutas — aparece reiterada até à Época Medieval.

NOTAS

- * Mestranda de Arqueologia – Universidade de Évora.
mrosariocf@gmail.com
- ** Investigadora da UNIARQ (FLUL). Universidade de Évora.
Improcha@gmail.com

BIBLIOGRAFIA

- CALADO, Manuel; GONÇALVES, Luís Jorge; ROCHA, Leonor; FERNANDES, Rosário (no prelo) - Nova carta arqueológica de Sesimbra. In *Encontro Arqueologia e Autarquias* (Cascais, 24-27 de Setembro de 2008).
- CARDOSO, João Luis (1990) - A Lapa do Bugio. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 0, pp. 15-34.
- CARDOSO, João Luis (1993) - A primeira campanha de escavações realizadas na Lapa da Furada (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 3, pp. 15-17.
- CARDOSO, João Luis; CUNHA, Armando Santinho (1995) - *A Lapa da Furada. Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1941*. Sesimbra: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (2005) - *Cascais há 5000 anos*. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (2008) - *A utilização pré-histórica da gruta de Porto Covo (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal.
- MANUPPELLA, Giuseppe, ed. (1999) - *Notícia explicativa da Folha 38 – B (Setúbal)*. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro.
- RASTEIRO, Francisco, ed. (2005) - *Sistema Cárstico do Frade. O fantástico mundo oculto dos minerais*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra/ICN/FEDER.
- RIBEIRO, Orlando (1937) - A Arrábida: esboço geográfico. *Revista Faculdade de Letras de Lisboa*. Lisboa 4:1, pp. 2-131.
- RIBEIRO, Orlando (1967) - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico - Esboço de relações geográficas*. Lisboa: João Sá da Costa.
- ROCHA, Leonor; FERNANDES, Rosário (no prelo) - Carta arqueológica de Sesimbra. Resultados do 1.º ano de trabalhos de campo. In *II Encontro de Arqueologia da Arrábida* (Setúbal, Novembro de 2007).
- ROCHA, Leonor; CALADO, Manuel; FERNANDES, Rosário; GONÇALVES, Luís Jorge (no prelo) - Paysages et environnements littoraux dans la Préhistoire de Sesimbra, Arrábida. Portugal. *Landscape Evolution & Geoarchaeology* (Porto Heli, Grécia).
- SERRÃO, Eduardo da Cunha (1959) - Investigações arqueológicas na região de Sesimbra. Resultado das campanhas. Resultado das campanhas realizadas pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 17:1-4, pp. 187-203.
- SERRÃO, Eduardo da Cunha (1967) - As grutas A e B do Forte do Cavalo. *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*. Sesimbra. 1, pp. 24-39.
- SERRÃO, Eduardo da Cunha (1973) - *Carta arqueológica do concelho de Sesimbra. Desde o Paleolítico até 1200 d.C.* Setúbal: Junta Distrital.